

Dessalines

A Revolução Haitiana, como processo social, e a independência do Haiti, como processo político, são tabus para a compreensão das revoluções que se seguiram após 1789. O Haiti coleciona várias monografias, é tratado como caso exótico, mas não é pensado como uma das muitas possibilidades de rota para modernização, figurando como um experimento maior, que marca os desdobramentos da América republicana, estabelecendo a liberdade dos escravos como condição de sua plena realização. Tocando no nome do Haiti é normalmente ver as feridas da ilha mal dividida entre a França e a Espanha; para além disso, há um campo movediço no qual história, lendas, relatos, textos e ideologias contribuem para um quadro cujo sentido está em forte disputa desde sempre, até o presente momento. Uma personagem em especial encarna essa disputa: repensar o líder da independência permite trazer em um único nome toda a complexidade que marca a rota haitiana, que sai da moderna escravidão das plantações para a formação de uma nação livre e quase tão desigual como sempre foi. Dizer algo sobre Jean-Jacques Dessalines é construir um Dessalines, no presente caso para um verbete que deve expressar uma visão multicêntrica do proclamador da independência da segunda nação livre das Américas. Dito dessa forma é obrigatório complementar que se trata de um caso único de independência, gerada por uma rebelião escrava. Por ser uma revolução que evoluiu de uma revolta escrava, houve um banho de sangue inigualável nas Américas, banho de sangue estendido a uma elite *blanc*, por ordem do Imperador Jacques I, no qual o general Dessalines se tornou, após brevíssimo período como Governador Perpétuo. A brutalidade com que a maioria da população branca foi massacrada marca as narrativas oficiais europeias e norte-americanas - então os EUA eram a outra república livre da América. No romântico mundo que nascia com o séc. XIX, cheio de revoltas e revoluções por liberdade, justiça, autonomia, Dessalines se tornou um monstro aos olhos "civilizados". Estava a distância segura da Europa, mas nem tanto da América do Norte, nem mesmo do Brasil escravocrata, pois aqui as notícias sobre os escravos das Antilhas foram recebidas com a devida apreensão. Já no Haiti Dessalines tem lugar indisputado como o herói nacional, um mito que tem seus fatos: cruel, como poucos grandes generais foram nas guerras, Dessalines bateu os exércitos enviados pela República Francesa por ordens do Consul Napoleão, com o objetivo de reprimir a revolução e restaurar a escravidão (!). Após essa retumbante vitória, em 1803, foi redigida e declarada em 1804, em bom francês, não em creole haitiano, a

independência do Haiti. Nascia a primeira República negra, emergindo curiosamente fora da África; na verdade nascia mestiça de escravos africanos e seus filhos, de mulatos e mesmo de brancos que sobreviveram até a proclamação. Derrotado, Napoleão, perdendo a pérola das Antilhas, não quis revanche e resolveu priorizar os campos de batalha europeus, tornando-se Imperador em 2 de dezembro de 1804. Dessalines, no mesmo ano, e antes do seu rival francês (8 de outubro), tornou a jovem república um Império, que duraria dois anos; essa foi a primeira das três experiências monárquicas do Haiti. Seus primeiros movimentos são de completa racionalidade, não se tratava de um meteoro, fora escravo até os trinta anos e sabia que toda aquela guerra tinha também uma clara razão econômica. Diferentemente do Haiti de hoje, o mais pobre país das Américas, o de então produzia e vendia drogas de altíssimo consumo na modernidade: o açúcar e o café. Para encurtar tratava-se da colônia mais lucrativa da França, portanto Dessalines sabia que tinha de manter o Haiti funcionando sem escravidão. A solução foi transformar a classe dos ex-escravos em classe de camponeses sujeitos a trabalhos forçados. Em segundo lugar, e muito importante, Dessalines circunscreveu-se ao seu território conquistado e não alimentou aventuras expansionistas, embora tivesse uma retórica de libertação dos escravos, o que lhe valeu o isolamento da América jeffersoniana; país no qual a liberdade dos escravos era matéria de conversas ilustradas, mas não de produção agrícola, assim permanecendo até a guerra civil. Dessalines é ainda um caso limite para se pensar a liberdade da nação e da escravidão modernas vis-à-vis aos meios tirânicos de realizá-las. É também um caso limite para entendermos como se faz um herói na mesma modernidade que o desenha como déspota. Dessalines não está só, o próprio Napoleão, para ficar em um nome próximo, experimentou em vida, e após a morte, a ambivalência de ser um mito nacional e um desclassificado tirano, conquistador de territórios livres. Uma boa comparação entre os dois assinalaria que o mito de Dessalines tem um componente ainda muito ativo, posto que ele, diferentemente do mito do Imperador Francês, continua em franca atividade, tanto na política, via discurso ideológico nacionalista haitiano, quanto na religião cotidiana, pois tornou-se uma importante divindade vodú, o Ogou Desalin (em creole) acionável para intervir no mundo dos vivos.

Jean-Jacques, como Rousseau, Dessalines teve também sua biografia marcada pela noção de liberdade, a grande diferença é que esse Jean-Jacques não nasceu livre como concebia a filosofia da ilustração. De qualquer forma, nascendo escravo

Manuel Lopez Lopez / Odibo

DESALINES

y Gravd M

ele se tornou, tomando emprestado um conceito de Maquiavel, um *Príncipe Novo* – eis uma trajetória de gigantesca mobilidade social. Se não há dúvidas sobre sua condição de escravo, sua nacionalidade é controversa, a tendência da historiografia nacionalista é nascê-lo em *Saint-Domingue*, numa plantação de cana, contudo, há também a tradição de considerá-lo nascido na África. Não resta dúvida que seu fenótipo era de um negro africano, pois assim eram seus pais. Seguindo um padrão de mudar o sobrenome com a mudança de senhor, trocou o “Jean-Jacques Duclos” do primeiro senhor para “Dessalines”, o sobrenome do seu segundo senhor, um negro livre, ex-escravo (que também era Dessalines por causa do seu antigo senhor). No clima das rebeliões escravas que deram início à revolução, em 1791, Dessalines fugiu. Tinha trinta anos e foi se juntar aos grupos resistentes nas montanhas. Sua inteligência e habilidade para ser um bom soldado, junto com seu temperamento corajoso, o engajaram na luta nacionalista do general negro Toussaint L’Ouverture; aliado circunstancial dos exércitos da Espanha, que ocupava a banda oriental da ilha, hoje República Dominicana e, na época, *Santo Domingo*. Toussaint, que além de general gostava de política, tinha o projeto de forçar a França a reconhecer certa autonomia política da colônia. Ele passou para o lado dos franceses para lutar contra uma invasão inglesa e conseguiu com isso a libertação total dos escravos em 1793, então se tornou o governador geral da ilha, ainda sem proclamar a independência. Os movimentos de L’Ouverture desagradaram à República francesa que enviou um considerável exército para retomar o controle direto da preciosa colônia e reestabelecer a escravidão. Nesse contexto Toussaint L’Ouverture foi traído por alguns membros do seu *staff* que queriam a independência total e, existe essa versão, também foi abandonado por Dessalines. L’Ouverture foi feito prisioneiro pelos franceses e Dessalines se tornou, a partir daí, comandante em chefe do exército de 20 mil haitianos rebeldes que, numa proeza épica, derrotaram 60 mil soldados franceses. Sua ação foi incendiária ao ficar evidente que a missão militar francesa visava garantir o retorno da escravidão (havia muitos ricos interesses contrariados na França com a interrupção do comércio de açúcar e café). Pondo fim a qualquer espécie de negociação, Dessalines foi impondo derrota atrás de derrota aos franceses e crescendo sua lenda pessoal de crueldade, matando todos os prisioneiros e, ainda por cima, fazendo-o de forma a amplificar o seu sofrimento, infundindo terror aos adversários. A brutalidade tanto das tropas francesas, quanto do cotidiano das plantações haitianas emolduram a resposta vingativa desse general, a quem não se poderia negar o adjetivo

de virtuoso, pelo menos da forma como Maquiavel concebe a *virtù*. O Ato de Independência do Haiti, uma República negra com nome nativo indígena taíno, foi ditado por Dessalines e é a própria auto-construção do mito: no documento a liberdade do Haiti resulta dele mesmo, que se assume como ator e autor dessa libertação. Durante a campanha a bandeira dos haitianos nasceu quando o general rasgou a parte branca da bandeira francesa e juntou o vermelho com o azul, esse foi apenas um passo simbólico para sua tentativa de “limpeza étnica”. A certeza de Dessalines de que a população branca que lidava com o comércio e as fazendas seria uma ameaça constata à liberdade do Haiti levou-o a concluir que ela deveria ser eliminada para “purificar” o país do sangue francês. Na primavera 1804 foi ordenado o massacre dos brancos, que se não beneficiou Dessalines, colocando-o na galeria das monstruosidades engendradas e negadas pela razão romântica, com certeza marcou a irreversibilidade do Haiti como país independente. Eliminou-se uma elite branca que conectava o sistema escravocrata com o comércio do açúcar e café e, no lugar, estabeleceu-se a elite mulata que iria dominar doravante a política no Haiti. Após o massacre, o governo trabalhou para furar os bloqueios econômicos impostos ao Haiti, mantendo aceso o comércio e tentou legitimar a independência. Dessalines em pouco tempo desagradou a Alexandre Pétion, membro da elite mulata e Henri Christophe, ex-escravo e general; ambos foram seus sucessores na restauração da República, que começou em dois “Haitis” independentes: o do norte, Estado do Haiti, governado por Cristophe, que mais tarde se tornará o rei Henri I; e o do sul, República do Haiti, governado por Pétion que falava em democracia e fez uma reforma de terras com distribuição de plantações. O fato é que no dia 17 de outubro de 1806, hoje importante data nacional, Dessalines foi morto. Há, claro, diferentes versões: tiros dentro da casa de Pétion, ou, a mais divulgada, uma emboscada, mas o fato é que seu corpo foi levado para a rua, crivado de balas e retalhado a sabre. Consta que uma mulher humilde recolheu alguns dos seus pedaços e lhe deu um funeral; provavelmente vodu.

Raul Francisco Magalhães
Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Brief History of Dessalines from 1825 Missionary Journal. *American Missionary Register*: October, 1825, vol. Vi, no. 10 in <http://www2.webster.edu/~corbette/haiti/history/earlyhaiti/dessalines.htm>

DAVIS, Wade. *A serpente e o arco-íris*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.

GIRARD, Philippe R. Jean-Jacques Dessalines and the Atlantic System: a Reappraisal. *The William and Mary Quarterly*, vol 69. N 3 (July 2012) pp. 549-582. Williamsburg. [Http://www.jstor.org/stabel/10.5309/willmaryquar.69.03.0549](http://www.jstor.org/stabel/10.5309/willmaryquar.69.03.0549).

LINDSAY, J. Twa, Jean-Jacques Dessalines: Demon, Demigod, and Everything in Between. *Romantic Circles* <http://www.rc.umd.edu/print/praxis/circulations/HTML/praxis.2011.twa.html>

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*, Trad. Roberto Grassi, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.

[Http://www.hougansydney.com/jean-jacques-dessalines.phd](http://www.hougansydney.com/jean-jacques-dessalines.phd)

[Http://en.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Dessalines](http://en.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Dessalines)

http://en.wikipedia.org/wiki/Haitian_Revolution

http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/revolucao_negra.html

<http://library.brown.edu/haitihistory/5.html>

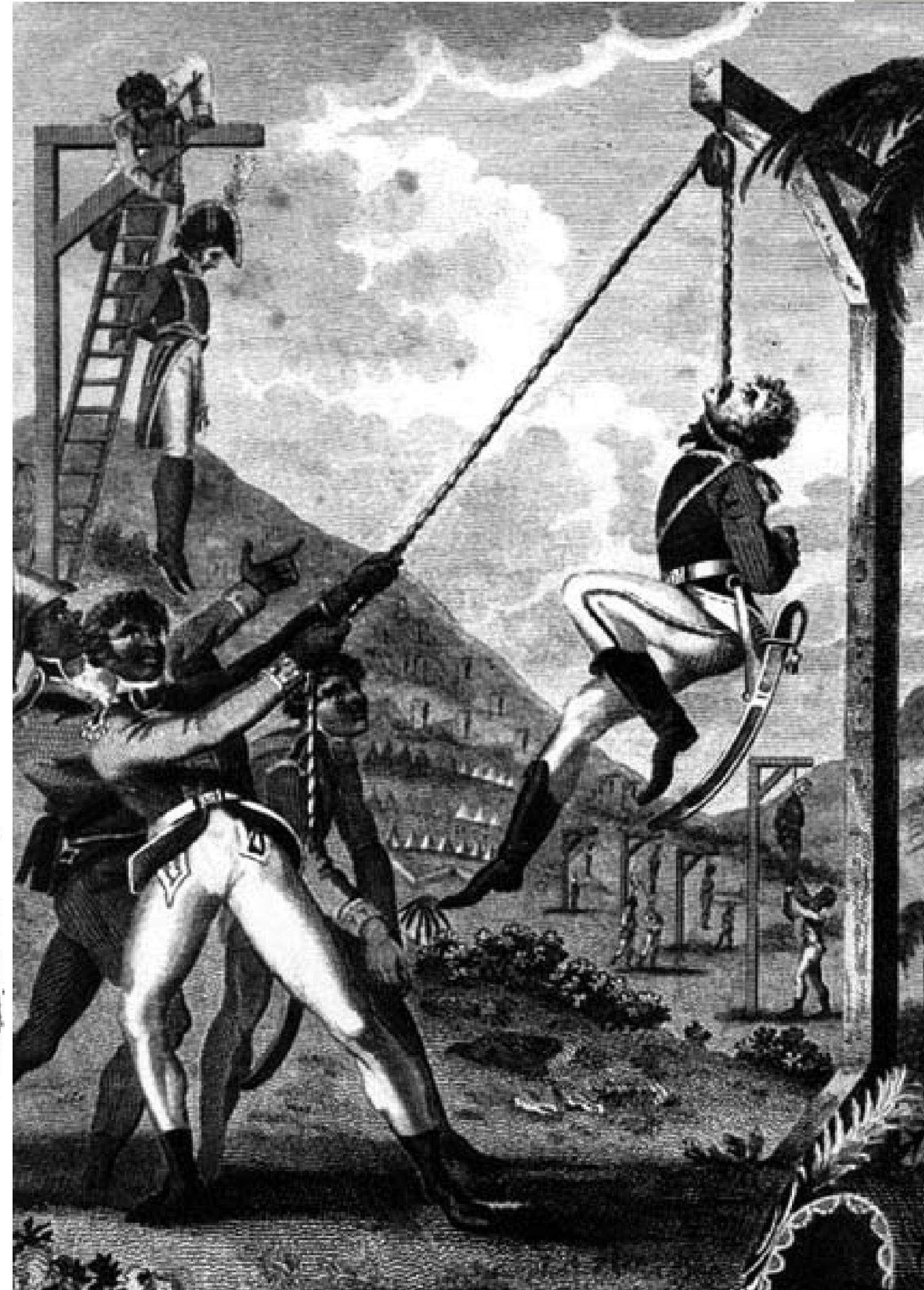
http://scholar.library.miami.edu/slaves/santo_domingo_revolution/revolution.html

*Imagem: Manuel Lopez Lopez Iodibo - - Desalines - - Huyes del valor frances, pero matando blancos

Imagens



O general haitiano Jean Jacques Dessalines ganhou a última batalha da revolução haitiana, a Batalha de Vertieres, em novembro de 1803, contra as tropas de Napoleão, em seguida, enforcou alguns dos oficiais franceses.





Ex-escravo, Dessalines participou das revoltas de escravos da colônia francesa de Santo Domingo



Dessalines



Jean Jacques Dessalines, Libertador do Haiti.